

Entre rio e ferrovia - Baião de Eça a Redol

Elsa Pacheco*

Jorge Fernandes Alves**

A dinâmica da paisagem é um processo complexo que resulta tanto de fatores naturais como sociais nas dimensões temporal e espacial. Na perceção da construção simbólica, em permanente transformação, que a paisagem constitui jogam leituras transdisciplinares, onde avultam a história e a geografia, mapeando a simbiose entre os homens e o território, na tessitura das relações sociais e económicas e nas consequências dos jogo de poderes. Vamos debruçarmo-nos nesta comunicação sobre a construção dos caminhos em Baião, tendo em conta a tradição da via fluvial e a irrupção do comboio na zona ribeirinha do concelho e suas consequências na alteração da paisagem e na (des)estruturação da economia local. Partiremos para essa abordagem tendo em conta não só dados históricos e geográficos como a literatura e a sua capacidade de tornar acessíveis ao grande público imagens que se fixam duradouramente, mormente quanto essa expressão atinge qualidade cultural e reconhecimento artístico. Na sua subjetividade, a obra literária é uma criação com recriações de paisagens diversas (naturais, psicológicas, morais, patológicas...), contribuindo para a produção de identidade local. No caso de Baião, há duas obras maiores, dois romances, que imortalizam o espaço baionense: falamos de Eça de Queirós, com *A Cidade e as Serras*, e de Alves Redol, com o *Porto Manso*. Partindo destas obras, procuraremos detetar os traços axiais sobre o papel dos caminhos e dos transportes na sua adesividade ao território e à mobilidade dos indivíduos, valorizando as representações literárias na expressão da paisagem e da sociedade.

* FLUP/CEGOT

** FLUP/CITCEM